

AS PECULIARIDADES SINDICAIS DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE FORTALEZA/CE ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1990

YURI HOLANDA DA NÓBREGA*

Neste ano de 2014, em que se (re)discute a efeméride dos 50 anos do golpe civil-militar, a importância deste evento se evidencia ao nos depararmos com diversas memórias construídas por múltiplos sujeitos histórico-sociais, redimensionando a Memória como uma arena de conflitos, uma dimensão de valores e desejos daqueles que recordam. Este texto é, portanto, um desdobramento da escrita de nossa Dissertação de Mestrado, intitulada: Operários em construção: As experiências sindicais dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza entre as décadas de 1970 e 1990.

Mediante a utilização da Metodologia da História Oral, analisamos com aporte teórico da História Social Inglesa as peculiaridades das experiências sindicais dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza. Em meio à emergência destes protagonistas, particularizou-se o cotidiano operário dos canteiros de obras, ou seja, suas experiências construídas nos espaços/tempos sociais desta categoria do mundo do trabalho.

Este estudo, por conseguinte, procurou problematizar a partir deste cotidiano o desenvolvimento da oposição sindical no ano de 1988, momento de transição da ditadura civil-militar para a Nova República, como uma proposta de reorganização das relações sindicais que eram desenvolvidas pela direção do sindicato desde a década de 1970, e assim, refletir sobre o estabelecimento de novas propostas e experiências que procuravam a convergência de interesses em relação aos operários da categoria. Para tanto, destacamos neste texto uma das primeiras experiências construídas pelos sujeitos que vivenciaram este processo, em 1988: o Iº Congresso dos Trabalhadores da Construção Civil de Fortaleza.

Ocorrido seis meses após a sua eleição da nova diretoria sindical, a realização do I Congresso dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Fortaleza, realizado na sede do sindicato entre os dias 05 e 06 de agosto de 1989. Este congresso torna-se importante porque teria sido um momento inicial rico de discussões e, ao que nos interessa, uma grande oportunidade de percebermos o desenvolvimento das relações entre a base e a sua direção sindical.

O congresso foi divulgado inicialmente pelo primeiro número do jornal “A Voz do Peão”, jornal operário criado em julho de 1989, algo que os trabalhadores da construção civil de Fortaleza nunca tinham visto antes em décadas de existência sindical - um jornal operário

* MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL – Universidade Federal do Ceará (UFC).

da categoria, organizado para ser o novo órgão oficial do seu Sindicato. No primeiro número do jornal havia um artigo que conclamava os trabalhadores a se fazerem presentes neste congresso da categoria, destacando a importância do evento:

“Qual a importância e a necessidade desse Congresso? Durante dois dias estaremos reunidos para discutir nossos problemas que vão desde os nossos salários até a falta de equipamentos de segurança no local de trabalho. Devemos discutir também o caminho para a classe trabalhadora trilhar no sentido de encontrar uma saída para as mazelas do sistema em que vivemos”. (Jornal A Voz do Peão, nº 0, julho de 1989).

Uma das questões que levantamos, de início, é a forma como irão participar os trabalhadores, no que diz respeito à voz e voto neste congresso. O jornal informa que

“vamos eleger delegados representantes em todos os locais de trabalho. Será eleito 1 (um) delegado para 100 (cem) trabalhadores. As eleições serão realizadas através de reuniões livres em cada local de trabalho, com a presença de representantes da Diretoria do Sindicato e depois de discutir todos os assuntos que estão na pauta do Congresso”. (Idem)

A ideia de discutir preliminarmente os pontos da pauta com os trabalhadores é uma iniciativa interessante, já que a imensa maioria não poderia participar do congresso em si, assim como o número de delegados em proporção aos trabalhadores nos canteiros; deste modo, garantir-se-ia a participação do maior número possível deles nas discussões, sendo então o congresso estruturado para permitir a maior troca possível de experiências entre os trabalhadores da construção civil com a diretoria sindical, e deles com trabalhadores de outras categorias, convidados a participarem.

Os trabalhadores eram incentivados a falarem um pouco de suas experiências de vida, como essas que transcrevemos abaixo:

“Sou Moacir de Oliveira, também vim do interior, tava na roça. O que eu queria dizer pros companheiros é o seguinte: a luta dos trabalhadores que se faz hoje, não é só da construção civil, mas é de um modo geral. Então, quero agradecer pelo espaço, e quem tiver, me pergunto assim: ‘hoje em dia, existe a construção civil, tá cheio de companheiros aqui em Fortaleza e, que é uma cidade que se esperava tanto, mas é o seguinte: a situação do campo é difícil, o pessoal corre pra cá, pensando que aqui seja assim um paraíso. E espera oportunidade, (...)’

mas isso é um problema de todo mundo”. (Depoimentos transcritos de trabalhadores durante o I Congresso. Arquivos do sindicato dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza).

“Meu nome é Francisco Rodrigues de Sousa. Eu comecei servente, fiz esse serviço quase menino, e vi muita gente sofrer. Hoje em dia, sou servente de obra. Eu só melhorei alguma coisa porque estudei a noite, trabalhando de dia e estudando a noite. Hoje em dia, não posso mais estudar, mas eu continuo acompanhando. E estou muito feliz, porque o sindicato agora mudou tudo. E nós estamos aqui pra tentar mudar qualquer coisa”. (Idem)

“Meu nome é Francisco Ferreira de Araújo, nasci em Sobral. Primeiro fui pro Rio de Janeiro e trabalhei por pouco tempo, agora eu trabalho aqui em Fortaleza, mas eu não moro em Fortaleza. Eu moro em (...), 78 quilômetros, e vivo trabalhando aqui e viajo pra lá, porque moro com a minha irmã. (...) Mas esse pessoal são muito sofredor na construção civil. Porque quando a gente tem um problema que não fala, não comenta com ninguém, aí ninguém resolve o problema da gente. Se a gente não vai atrás, não falar, não criticar, ninguém resolve, né? Quando o pessoal aqui do sindicato chega lá no canteiro de obra, eu já tenho visto umas quatro ou cinco vezes, o pessoal que trabalha na construção civil tem medo de falar, né? Ele tem medo de vir aqui. Eles têm medo de falar, ele não quer se apresentar, conversar. Quando o pessoal chega lá, eles ficam é rindo. ‘Ah, não! Eu não sei falar’. Eles têm medo do patrão botar pra fora”. (Idem)

“Eu sou Jonas Evânio da Silva. Pela primeira vez, estou participando dessa reunião. (...) E eu quero ajudar o Sindicato a ter mais força, pra vê se nós consegue algum emprego. Porque os profissionais em geral, estão todos desaparelhados. (...) não tem pra gente comer, e se nós não tiver uma força pela justiça, nós todos já era. (Trabalho na) Metores Pinto. (Nasci em) Quixeramobim.”. (Idem)

São dezenas de citações de trabalhadores que, assim como essas, corroboram com o mesmo sentido. Poderíamos relacionar estas falas como indícios de consciência de classe desenvolvendo-se nestes trabalhadores acima citados: são expressões como “isso é um problema de todo mundo”, “nós estamos aqui pra mudar”, “se a gente não vai atrás, não falar, não criticar, ninguém resolve os problemas” ou “eu quero ajudar o sindicato a ter mais força”.

É esta a expectativa desenvolvida pelos sujeitos nesse congresso: promover um diálogo entre os trabalhadores sobre suas experiências, desenvolvendo uma consciência de classe.

As reuniões funcionavam da seguinte forma: os participantes se dividiam em grupos de discussão (o jornal *A Voz do Peão* informou que participaram “mais de 100 delegados” no congresso, sendo que, na festa ocorrida na noite de abertura do dia 04, “compareceram mais de 300 trabalhadores”), que eram conduzidos por alguém que pertencia à organização do congresso, quase sempre um diretor sindical, e nas salas fazia-se uma roda, quando todos os trabalhadores eram então incentivados a falarem seus nomes, sua naturalidade (praticamente todos tinham vindo do interior – são *dezenas* de municípios citados), a empresa e a função em que trabalham e sobre o assunto então em discussão naquele momento – tudo isso em dois minutos.



Fotos do I Congresso. Fonte: Jornal A Voz do Peão, nº 01, de agosto de 1989. Na faixa por trás da mesa, lê-se: “Construindo o poder dos trabalhadores”.

Apesar do pouco tempo, determinado pelo grupo de discussão para que o máximo de trabalhadores tivesse a possibilidade de se apresentar e falar minimamente das suas experiências de vida, os diálogos são riquíssimos nestes termos, e dos mais diversos que se

possa imaginar. Há momentos de debates entre trabalhadores, como esse que versa sobre a concepção que os trabalhadores têm de si e da sua classe:

“(...) porque nós somos desunidos, (...) é uma classe tão desunida que eu tenho vergonha de dizer que eu sou operário também. Mas vejo a desunião, eu vejo a covardia, eu vejo a pobreza (...) O senhor precisou adular, chamar (...) e ninguém vinha. O senhor viu o sufoco afim de melhorar a nossa situação. (...) O senhor viu a fraqueza que houve, não foi assim? Então, eu acho difícil nós vencer essa batalha (...)”.

Ao que o diretor do sindicato retruca, logo em seguida:

“(...) esse quadro, nós já estamos revertendo há muito tempo. O companheiro fique sabendo que nós não somos mais besta, nós somos analfabetos, burro, ignorante, mas estamos detectando tudo que é covardia que fizeram com a gente, não? Esse sindicato tem 49 anos de existência e passou (...) 15 anos nas mãos do Mariano, (...) botamos os pelegos pra fora, (...) e que nós, trabalhadores da construção civil, estamos muito além do que o companheiro está pensando. Nós saímos da primeira greve geral em que mais de 50% da categoria paralisou, certo? Mas veja bem: nós já estamos conscientizando os companheiros e isso aqui vai ser questão rápida, questão de um ano ou dois, pois nós (...) vamos atropelar (em número de participantes grevistas) bancário, sapateiro e vamos pra luta mesmo e a conscientização nossa. Nós não somos mole, não(...)”. (Debate transcrito entre um diretor e um trabalhador não identificados nominalmente, ocorrido durante o Iº Congresso. Arquivo do sindicato dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza).

Díálogos assim são importantes para a apreensão de diversas informações sobre os sujeitos desse processo. À ideia de que a classe operária é desunida, particularmente os operários da construção civil, contrapõem-se outra imagem que a direção sindical tenta desenvolver na mentalidade dos trabalhadores: agora estes não se deixam mais enganar, não seriam mais medrosos e o seu pouco saber escolar não é mais um parâmetro indicativo de uma postura passiva diante do patronato.

O principal termômetro para o desenvolvimento dessa consciência de classe, na perspectiva da diretoria sindical, é a greve. E o indicativo da participação cada vez maior dos trabalhadores nas paralisações seria o sinal de que a categoria estaria se conscientizando, sem atentar para a possibilidade de outras formas de lutas políticas sem ser através do sindicato, e

assim, estavam semeando um sentido político muito claro: os trabalhadores aguerridos, audaciosos, corajosos e conscientes, são aqueles que aderem a este tipo de reivindicação e fortalecem o seu sindicato; os que não possuem esta consciência de classe seriam medrosos e oportunistas (na categoria são chamados de babões), estes são os que não participam desta forma reivindicativa, arquétipo de operário que se deseja defenestrar da categoria.

Além disso, quer-se demonstrar que a partir das transformações oriundas das novas concepções político-sindicais da direção eleita em 1988, os trabalhadores poderiam contar com o seu sindicato, que depois de décadas hegemonizado por uma concepção política-sindical considerada assistencialista e pelega, agora seria um instrumento de organização a serviço da categoria e daqueles trabalhadores “de luta”. Diretoria, sindicato, luta, greve, coletivo, força, união e coragem são palavras presentes em discursos, nos quais se tenta conjugá-las juntas, quase como uma redundância, na mentalidade dos trabalhadores.

Estes encontram, então, um espaço aonde poderiam expressar suas experiências, demandas e desejos, um canal de interlocução que já vinha sendo sinalizado desde a época da oposição sindical, e que agora estaria se materializando nas relações sindicais cotidianas.

Deste modo, as concepções políticas da diretoria também vinham se corporificando numa práxis arquitetada nestas relações, e assim construindo um processo de identificação da política sindical comum entre ambos, diretoria e base.

Finalmente, nossos resultados de pesquisa apontaram para a compreensão de que esta e demais experiências possibilitaram um fazer-se histórico, com os trabalhadores sendo e tornando-se protagonistas de suas experiências de classe.

Homens e mulheres constroem suas vidas no cotidiano com inteligibilidades, estabelecendo relações uns com os outros, criando e recriando significados do mundo, do tempo e de si mesmos. Suas experiências desenvolvidas dentro do contexto histórico em que estão inseridos possibilitam aprendizagens com as quais tentarão conquistar suas aspirações materiais e espirituais, num permanente refazer-se dialético. Quando desenvolvemos essa pesquisa sobre as experiências sindicais dos trabalhadores da construção civil de Fortaleza, eram estas as diretrizes que norteavam a nossa compreensão de tais experiências.

O trabalhador da construção civil de Fortaleza vivenciou no último quarto do século XX variadas experiências no seu mundo de trabalho a partir das peculiaridades deste: um cotidiano nos canteiros de obras opressivo e desalentador, rigidamente hierarquizado e com péssimas condições de trabalho; paradoxalmente, estas mesmas peculiaridades possibilitariam também condições para o desenvolvimento potencial de uma práxis sindical inclinada ao enfrentamento patronal como estratégia de resolução de parte de seus interesses,

particularmente no que se refere às frágeis ligações trabalhistas com os empresários: afinal, ele sabe que ao término de sua parte no trabalho nas construções, ele será demitido, não importando tanto assim se ele seria um operário “padrão” do ângulo patronal ou não. Se a rotatividade no trabalho, aliada a exploração extremada a que são submetidos lhes causaria um sentimento de “peão”, também lhe permite um maior descompromisso com mestres de obras, engenheiros e empresários, personificados nas obras vandalizadas pelos operários nos momentos de agudização dos conflitos de classe.

As experiências desenvolvidas no período da Redemocratização pelos sujeitos desse processo, diretores sindicais e trabalhadores da base, foram capacitando-os a criarem mecanismos que aperfeiçoavam constantemente a democratização sindical. Nas experiências com as quais nos deparamos durante a nossa pesquisa, são muitos os exemplos dessa prática: nos estatutos da entidade, o primeiro (1989) procurou a democratização das relações sindicais ao estabelecer as assembleias como o poder decisório primordial e estabelecendo critérios facilitadores para a sua convocação, enquanto que no segundo (1993) instituiu-se a possibilidade da assembleia poder destituir qualquer dirigente do sindicato; as primeiras decisões de apoiar algum candidato político-partidário nas eleições para os cargos do Estado brasileiro são tomadas pelos próprios diretores até as eleições de 1992, mas a partir de 1994, essa decisão teria que passar por uma assembleia da categoria; a possibilidade facilitada do operário em obter de volta o desconto assistencial, as cláusulas das convenções, acordos e dissídios coletivos, que procuram aperfeiçoar os direitos dos trabalhadores cada vez que os empresários encontram brechas para burlá-los, todas essas experiências corroboram para o estabelecimento de relações de confiança entre a categoria e a direção sindical.

Deste modo, todas essas experiências, com seus erros e acertos, possuíam uma enorme importância nos embates com a patronal. A aprendizagem mútua entre os dois antagonistas de classe era proporcionadora de novos mecanismos de força e persuasão constantes: a cada ano utilizavam novas táticas para lograr êxito sobre o adversário utilizando-se de ataques frontais, manobras, blefes, falsa deferência, alianças com outros agentes sociais etc., quando não todo esse arsenal junto, o que parecia ocorrer cada vez que novas armas eram criadas.

Criando novas experiências, os trabalhadores construía-se. Nesse permanente ir e vir criavam e recriavam significados e compreensões que, relacionados dialeticamente com os outros espaços sociais, davam sentidos às suas vidas:

“Acumulamos forças, ganhamos consciência e aprendemos por nossa própria experiência que tudo que poderemos conseguir deve ser fruto da nossa organização, da nossa batalha. Outras lutas virão, e temos a certeza que toda a peãozada estará de cabeça erguida e pronta para enfrentar qualquer dificuldade”. (*Jornal A Voz do Peão, sem número, maio de 1995*).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 4ª edição. São Paulo: Editora Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. *O novo sindicalismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 1995.

_____. *Classe operária, sindicatos e partido no Brasil*. São Paulo: Cortez e Editora Ensaio, 1988.

_____. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara F. Vieira. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da UnB, 1993.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara F. Vieira. 7ª edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

BATALHA, Cláudio, SILVA, Fernando T. e FORTES, Alexandre (org.). *Culturas de classe*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BOITO Jr, Armando. *O sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise crítica da estrutura sindical*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Editora HUCITEC, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. *A experiência do movimento operário*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COSTA, S. *Tendências e centrais sindicais. O movimento sindical brasileiro de 1978 a 1994*. Goiânia; São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1995.

- FERREIRA, Jorge. (org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química – a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Ed. Annablume, 1997.
- _____. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais*: São Miguel Paulista. Tese de Doutorado em História, UNICAMP. Campinas, São Paulo: 2002.
- FORTES, Alexandre [et al.]. *Na luta por direitos: leituras recentes em história social do trabalho*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- FRENCH, John D. *Afogados em leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. Tradução Paulo Fontes. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- GIANNOTTI, Vito e NETO, Sebatião. *CUT, por dentro e por fora*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1990.
- GOMES, Ângela de C. *A invenção do trabalhismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- HARDMAN, Francisco F. *Nem Pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho – novos estudos sobre história operária*. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 3ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- _____. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. 2ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.
- MOISÉS, José Á. *Lições de liberdade e de opressão: o novo sindicalismo e a política*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: *Usos & abusos da História Oral*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- _____. Memória e diálogo: desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- _____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia, MG: n° 25 e 26, 2001.

- _____. Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Revista Projeto História*, nº 10. São Paulo: 1993.
- _____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Revista Projeto História*, nº 14. São Paulo: 1997.
- _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. *Revista Projeto História*, nº 15, 1997.
- RODRIGUES, I. J. *Trabalhadores, sindicalismo e democracia: a trajetória da CUT*. Tese de Doutorado, USP. São Paulo: 1993.
- RODRIGUES, Leôncio M. *CUT. Os militantes e a ideologia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.
- SANTANA, Marco e RAMALHO, José R. (org.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.
- SILVA, Fernando T. *Operários sem patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa – a árvore da liberdade*. Tradução Denise Bottmann. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- _____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. (org.): Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- TUMOLO, Paulo S. *Da contestação à conformação: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- VANNUCHI, Paulo. *História da greve de 1989*. São Paulo: Gráfica e Editora F. G., 1991.
- WELMOWICKI, José. *Cidadania ou classe? O movimento operário na década de 80*. São Paulo: Editora “Instituto José Luís e Rosa Sundermann”, 2004.